

MACCACA: A ARTE COLETIVA DE GUERRILHA QUE PODE ENGLOBAR A TODOS

Ernesto Ribeiro Barboza de Oliveira*

Resumo: *Descrição e Manifesto do movimento artístico cultural alternativo, comandado por alunos da UCSal e egressos, ligado á política de esquerda, produzindo arte engajada e ações pela cidadania em comunidades carentes, narrando episódios dos 10 anos de sua História, explicando as razões de sua sobrevivência e crescimento contínuo contra todas as adversidades e seus eventuais choques com as autoridades e a violência urbana.*

Palavras-chave: Arte popular; Movimento artístico; Cidadania.

Em Salvador, surge algo inédito até para os conceitos mais largos de Arte Popular: uma Arte de Guerrilha. Saltimbancos de teatro mambembe, poetas de assalto, músicos revolucionários, grafiteiros da cidadania – muito do que nós sabíamos sobre movimentos de cultura de massas está sendo virado pelo avesso.

O responsável pela revolução que está intrigando o público é o MACCACA – *Movimento Artístico Cultural dos Coqueiros Azuis no Concreto Asfalto* – mistura de arte engajada e loucura anarquista. Simultaneamente coletivo e individualista, o movimento, iniciado há 10 anos, está subvertendo todas as convenções em matéria de manifestação artística ou de ações pela cidadania.

Concebido em 1995 pelo advogado dos Direitos Humanos e agitador cultural Marcos Figueiredo Silva (ou Marcos Peralta, poeta / palhaço / ator), o movimento escapa a toda e qualquer definição já criada para rotular uma atividade coletiva. Mas o que mais chama a atenção é a sua capacidade de sobrevivência: o grupo já sofreu várias perseguições das autoridades, choques com a polícia e agressões de seguranças; nunca teve qualquer espaço na mídia e jamais obteve qualquer apoio dos mecenas culturais – que aliás eles desprezam – e mesmo assim o movimento não pára de crescer e ampliar seu raio de ação como uma rede. Na verdade é um paradoxo: quanto mais marginalizados, mais fortes se tornam.

Esse fenômeno curioso ocorre por uma razão muito simples: qualquer um pode ser um *Maccaca*. Basta ter uma idéia ousada em prol da consciência social que ninguém mais apoiaria, tomar a iniciativa para “se sentir um Maccaca” e se juntar à trupe de artistas independentes e marginais, perturbando a ordem, desafiando o sistema e se arriscando em todos os sentidos pelos mais carentes. Essa é a força dos pequenos: o grupo congrega somente os artistas e candidatos excluídos pela sociedade de mercado. E quanto mais excluídos, mais trabalham pelo Movimento. É uma bola de neve que se expande ilimitadamente. Qualquer idéia para um texto, poema, música, performance ou teatro para denunciar as injustiças sociais que tenha sido recusada pelos outros grupos, é absorvida pelo MACCACA. Mais do que a exclusão, é a própria vontade de quebrar o muro da elitização cultural que impulsiona novos talentos desconhecidos a unir forças. O Movimento parece se alimentar de seus próprios inimigos: a incompreensão, a pobreza e a rejeição. “*O que não me mata, me alimenta*”, diriam.

“O MACCACA me surpreendeu pela facilidade de acesso”, diz o estudante Saulo Silva. “Ele abre oportunidade para todos os autônomos e iniciantes. Todos. Não há seleção. Somos aceitos sem discriminações, sem pré-requisitos.” Tony Frank, ator, é outro colaborador: “Todos

* Ernesto Ribeiro Barboza de Oliveira, publicitário e escritor, é bacharel em Comunicação Social pela Universidade Católica do Salvador.

são voluntários. Ninguém entra por profissionalismo. Apenas compartilhamos crenças e ideais, mas temos ideologias diversas e conflitantes. Por isso que no conjunto o MACCACA é um movimento anarquista, sem regras, para abrigar a todos.” Mas isso é só a ponta do *iceberg*.

O grupo possui uma densidade social e cultural rara: embora não pareça à primeira vista, todos eles demonstram ser cidadãos muito sérios, cultos e preocupados – engajados até às últimas conseqüências no resgate da cidadania e de outros valores que se perderam no Brasil nas últimas décadas. Eles se arriscam. Sofrem – e muito, até fisicamente – pelo seu engajamento social, com conseqüências permanentes em suas relações pessoais. Em troca, fazem rir, chorar e principalmente pensar. Nas suas apresentações “de assalto e surpresa” nas ruas, ônibus e até agências bancárias, as pessoas reconhecem sua coragem e admiram seu idealismo “cego, exposto e apaixonado”. Apresentam-se como românticos totais, sem medo nem noção do perigo. Assumem a atitude de tragicômicos e quixotescos. Não por acaso, a capa do seu livro de poesias *Cavaleiros do Verso* traz a figura de Dom Quixote, com poesias saindo de moinhos de vento. Enquanto *Movimento de Arte e Cidadania*, trabalham diretamente com comunidades carentes: invasões, favelas, quilombos urbanos.

Em confrontos com as autoridades, já fizeram agitações ousadas, como levar a multidão na praça Luis Eduardo Magalhães a usar narizes de palhaço para escarnecer dos políticos carlistas ali presentes; e lá fizeram o único grande protesto em massa contra a mudança do nome do Aeroporto 2 de Julho, na manifestação “*Salve o 2 de Julho*”. Em pleno Dia Internacional do Palhaço, milhares de cidadãos nas ruas demonstraram como se sentiam. Outra realização do MACCACA, em confrontação aberta com a polícia e políticos, num episódio histórico que quase custou a vida de seu fundador. Atacado e perseguido pelos seguranças, Marcos Silva precisou se esconder, carregando por semanas as marcas da agressão – que repercutiu em sua vida familiar: sua esposa, a cantora Luciana Salgado, participante da manifestação, mais tarde encerrou seu casamento e abandonou o grupo “porque não agüentava mais tanta loucura e perseguição.”

“Isso não é brincadeira. É trabalho duríssimo, arriscado, sem recompensa material. Nossa única recompensa é cumprir a missão.” diz Emerson Barreto, o “Cabelo-me-faça-pensar”, estudante de Economia, músico de *blues* e parceiro de Marcos Peralta como guitarrista da dupla performática *Os Falsos Peraltas*. Todos os integrantes ou colaboradores aparentam ter uma atitude inquisitiva e nível intelectual aguçado; são geralmente universitários ou freqüentam os campi; muitos são professores, egressos do movimento estudantil ou cursaram Filosofia – como o índio Nadson dos Santos, o “Pajé”, 34 anos, professor de Filosofia, ator e poeta – mas todos são de classe média-baixa, sem dinheiro nem créditos no mercado. Não existe mercado para o MACCACA. Todos os “guerrilheiros da arte popular pela cidadania”, como se definem, são incisivos em afirmar ter consciência de que jamais serão cooptados pelo *establishment* midiático nacional. Provavelmente nunca vão ganhar dinheiro nem destaque na mídia oficial. “A gente é *underground* até a alma!” define Marcos Peralta. “Vocês nunca vão nos ver na TV. Nosso lugar é nas ruas e praças, mesmo. Podem nos chamar de punks, se quiserem. Mas estamos muito além disso.”

Estão mesmo: a abordagem da questão é outra. A estratégia de “arte de assalto” – aparecendo de surpresa e levando sua arte em *tática de choque* para as praças, ônibus, bancos, exposições, congressos, seminários, instalações artísticas, comunidades, teatros, escolas e ruas – é a ponta-de-lança da proposta do MACCACA: o paradigma da “arte viva, acontecendo no tempo e no espaço, e não deixando a arte morrer e se tornar peça de museu!” – na definição dos próprios mentores, como Fábio “Sapulha” Soares, poeta e estudante. “Nosso diferencial é que não temos outro movimento como adversário ou concorrente. Não somos filhos da elite, mas gente das ruas.” Ou de Carlos “Beto” Velloso, líder estudantil, ator e diretor de teatro: “O MACCACA começou como um grupo de artistas que depois encontrou um grupo de jovens intelectuais e estudantes de Filosofia da Universidade Católica, o Thaumazein. Essas influências filosóficas nos deram embasamento, profundidade e alguma arrogância também. Em dez anos, continuamos firmes na contramão. Nenhuma empresa conseguiu nos contratar. Nenhum

concurso conseguiu nos passar. Não estamos nem aí para o sucesso ou a fama. Morreremos no anonimato, mas livres, sem dar satisfação a ninguém.”

Clóves Pitanga, pintor e poeta de rua que vende suas pinturas e sua *Poesia em Caixa*: “Os *Maccacas* são sempre jovens por dentro. Somos a Geração X – que não quer envelhecer. Os outros movimentos tiveram seu próprio *marketing* feito por seus inimigos, como a ditadura militar para os tropicalistas. Os modernistas vieram das classes altas. Nós somos proletários. Se é pra ser proletário, é melhor ser proletário da arte. Vida de artista é uma guerrilha. Todo mundo no MACCACA tem uma cultura fantástica, lemos e escrevemos livros – mas vivemos num país que não paga o que essa cultura merece. Funcionamos como alternativa de renda para os artistas de rua. Descobrimos novos talentos que jamais iriam a público pelos canais convencionais.”

O grupo é também ligado á política. Vários de seus integrantes são militantes de partidos de esquerda. A denúncia do imperialismo americano e a influência do marxismo estão sempre presentes em seus discursos. Atuam também em parceria com ONGs como o CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), Movimento Negro, movimento estudantil, União da Juventude Socialista e partidos políticos como PC do B, PSB, PSTU, PT e PCO. Seu trabalho mais extremado é a peça teatral *Oca Sim, Alca Não* – uma divertida comédia de tom irresponsável e atrevido, com personagens como Tio Sam, a Amazônia, o Pajé e o terrorista Osama Bin Laden.

Márcio Carvalho, outro líder estudantil, poeta e músico da banda Osquevão, foi um dos fundadores do Movimento. Nos shows com o MACCACA, ele denunciava a situação de guerra urbana da periferia, até finalmente ser vítima dela. Este ano, Márcio foi baleado na coluna em um crime não-esclarecido, e se recuperou sem perder o espírito de luta. O crime nunca foi investigado. Há rumores de perseguição.

“A PM faz PN!” bradam. Transmitindo preocupação social, euforia idealista e esperança de fazer o futuro agora, o MACCACA está dando seu recado e embaralhando todas as concepções estabelecidas sobre o velho tema: “**afinal, o que é arte?**”.

O MACCACA é um caso ilustrativo de “auto-exclusão” profissional. Seus diferenciais são usar o problema como uma vantagem; tirar proveito da marginalização para se relacionar com os excluídos sociais; e utilizar essa credibilidade no meio para alavancar seu trabalho.

Existe uma estreita relação entre a produção artística e a estrutura social em que ela se faz. “A *mobilização* é a expressão da vontade, manifestada pelos cidadãos, de uma criação, de um desenvolvimento que só pode ser coletivo” (Alain Touraine, *Sociologie de l’action*, Paris, Ed. Du Seuil, 1965.) No caso presente, isso se aplica na mobilização de massas exercida pelo movimento artístico-cultural com o objetivo de provocar essa reação: despertar o desejo dos cidadãos marginalizados em romper o imobilismo social através de uma criação coletiva que expresse sua cultura (popular) e as condições de vida exasperantes a que são submetidos.

O Movimento possui a capacidade de se expandir indefinidamente. Tanto por sua identificação com os artistas excluídos ou oportunidade de trabalho para os colaboradores ocasionais, como pela própria necessidade de sobrevivência. A exclusão é um meio e um fim em si. Mas no momento em que estiverem expostos à mídia oficial – se isso ocorrer um dia – essa natureza pode se alterar, intensificar ou extinguir. Essa incógnita persistirá durante o trabalho de pesquisa.

O Movimento congrega quaisquer artistas autônomos e independentes, ou aspirantes, e atua somente na cidade de Salvador, embora já tenha feito excursões a outras regiões do país, como o sertão nordestino e a Amazônia. Não possui líderes, no sentido *strictu sensu* da palavra. É reconhecido por seus integrantes (ou colaboradores) mais permanentes ou atuantes.

Por outro lado, eles criaram seu próprio canal de comunicação independente, atuando como uma rede, que não pára de se expandir – estranhamente, em função dessa mesma exclusão da mídia e do mercado. Nesse sentido, ele é um sucessor de outros movimentos ao ocupar um espaço na consciência coletiva de sua época, problematizando as questões dos nossos dias e

apontando soluções para a cidadania e o desenvolvimento social, quebrando paradigmas sobre cultura de massas e arte popular.

Nesse sentido, pretendo desenvolver um estudo que leve respostas ao beco sem saída em que se encontra a produção teórica da evolução da cultura popular engajada em nossa cidade.

O MACCACA é a nova cena: um novo paradigma de ação coletiva na arte popular voltada para a cidadania e de forte teor político.

Não existe caso igual ao do MACCACA no cenário cultural da cidade hoje. E possivelmente jamais houve algo dessa natureza. No cenário nacional, as únicas referências comparativas são movimentos datados que já se fossilizaram, exatamente por não possuírem a característica básica do coletivismo descentralizado: a Geração Condoreira de poesia declamada de Castro Alves, O Teatro Oficina, o Grupo Opinião, a Semana de Arte Moderna de 22, o Tropicalismo, o Teatro do Oprimido. No cenário histórico mundial, a manifestação que melhor se confundiria com a proposta e a atitude do MACCACA seria o Movimento Punk Britânico de 1976. As atitudes e ideais concretizados são os mesmos: anarquia, niilismo, iconoclastia e agitação das massas, criando canais de comunicação social completamente independentes. Em função disso, uma possível definição comparativa seria “o verdadeiro movimento punk brasileiro” – sem sequer recorrer à noção de antropofagia cultural. É algo tão espontâneo e desvinculado de ingerência estrangeira que brota naturalmente no cenário do Terceiro Mundo em condições similares: espaço urbano, exclusão social, desespero econômico, revolta cultural, consumo de drogas, violência de ambos os lados da lei e enfrentamento político, além das ideologias.

Diferente de outros grupos performáticos, o *Maccaca* usa o discurso social adaptado à realidade próxima de cada platéia: “Seja uma peça de teatro no Campus de Pituacu, trabalhamos a questão da violência na comunidade de Patamares; seja um *show* musical no Campus da Lapa, nosso trabalho visa despertar a consciência dos Direitos Civis para a comunidade do Gamboa; se é uma sessão de fotos em performance na Praça da Sé, trabalhamos com a população do Pelourinho todas as noções de cidadania que eles merecem e não sabiam; em todas as áreas que visitamos a idéia que buscamos compartilhar com o público é essa: a cidade é nossa casa. Ninguém é uma ilha. Cada um na platéia deve despertar essa consciência e se sentir responsável – e então tomar sua própria atitude de agir ao seu modo para mudar essa realidade.” (Fábio S.)

HIPÓTESES

O MACCACA conseguiu inspirar alguns de seus espectadores nas comunidades carentes de Salvador a se manifestarem através da arte pela cidadania.

Algumas dessas comunidades (invasões, favelas, quilombos urbanos) tiveram melhorias em sua qualidade de vida ou fizeram esforços concretos nesse sentido em ações comunitárias a partir do trabalho de conscientização do MACCACA.

Os estudantes universitários de Salvador, ao assistirem as apresentações do MACCACA, tornaram-se mais interessados pelas questões levantadas pelo grupo a ponto de integrarem o movimento numa escala muito maior nos próximos anos.

Trata-se de estudo de periodização da arte onde se analisam os processos de transformação da mesma a partir de seus elementos imanentes e constitutivos de seu sistema. As relações entre os elementos que compõem o sistema da arte são dinâmicas, não igualitárias, e variam com o tempo. A tendência geral é que um dos elementos do sistema se faz dominante e passa a dirigir os outros por períodos mais ou menos breves. Dessa forma, esse elemento torna-se a “vanguarda” do sistema.

No caso do MACCACA, o que os torna “vanguarda” é mais o engajamento social, desvinculado de outras organizações, mas eventualmente trabalhando em parceria com ONGs, movimento estudantil ou até partidos políticos de esquerda.

Também é óbvio que qualquer movimento artístico se gesta ou incuba em períodos anteriores de sua “explosão” ou dominância (ex.: O Grupo Fluxus, hiperatuante na década de 60 e que vai se estabelecer nos 70).

Quase todos os mentores do grupo são seguidores de intelectuais de esquerda, com forte inclinação socialista. Na discussão de Michel Foucault com Gilles Deleuze, levantou-se essa questão: “Os intelectuais pensam que representam as massas. Mas o povo não precisa deles. As massas podem representar a si mesmas bem melhor.”

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

MACCACA. *A Floresta Encantada*. Salvador: edição do autor, 1996.

MACCACA. *Cavaleiros do Verso*. Salvador: UCSal, 2000.

MENDES, Cleise Furtado. *As Estratégias do Drama*. Salvador: Edufba, 2005.

SOUZA, Newton de. *A Roda, a Engrenagem e a Moeda – Vanguarda e Espaço Cênico no Teatro de Vanguarda no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2003.

QUILICI, Cassiano Sidow. *Teatro e Ritual – Antonin Artud*. São Paulo: Annablume, 2004.

PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, Col. Estudos, 1987.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. (org.) *Cultura e Atualidade*. Salvador: Edufba, 2005.

RUBIM, Linda. (org.) *Organização e Produção da Cultura*. Salvador: Edufba, 2005.

SANTOS, Roberto Correa dos. *Para uma teoria da interpretação*. Rio de Janeiro: Forense, 1989

VERÓN, Eliseo. *Ideologia, Estrutura e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970.